

6

UMA CARTA AO BISPO DO PORTO

CARTA DATADA DE 25 de Agosto de 1958 e dirigida ao Bispo do PORTO, D. António Ferreira Gomes, da zpoio à carta que este enviara ao Presidente do Conselho.

Mão amiga enviou-me cópia da carta de V. Exa. Reva. a Sua Exa. o senhor Presidente do Conselho. Depois de ler resolvi manifestar a Va. Exa. Reva. a minha alegria por tão "Cristão atrevimento" acrescentando, porém, que em minha opinião, foi tempo perdido tê-la enviado. Mudei agora de pensar depois da leitura do panfleto que escreveu, a despropósito o sr. dr. Manuel Anselmo. Realmente, valeu a pena. E valeu-a, sobretudo, para trazer um pouco mais à luz do dia até que ponto urge pregar e ensinar o evangelho aos estômagos cheios, uma vez que é antinacional e subversivo (além de ser inútil) pregá-lo a estômagos vazios. Eu sei, senhor bispo, por dolorosa experiência, o que é a dor de ver católicos com responsabilidade acusar padres e bispos de políticos subversivos, antinacionais e até infieis à fé cristã, só pelo facto de ensinarem sem reticências, o Evangelho. Dor tanto mais profunda por nascer da angustiada verificação de nos encontrarmos hoje perante uma religião muito igual àquela que, para defender a honra de Deus e o prestígio de César, pediu a morte de Jesus como blasfemo por um lado (Mat. 26,65-Luc. 24,70) como revolucionário e subversivo (Luc. 23,14) malfeitor (Joa. 23,30) e inimigo de César (Joa. 14-12) por outro. E o paralelo é tanto mais inquietante, quanto mais parecidas são com a atitude de Caifás, a rasgar os seus vestidos, as lágrimas que choram sobre o nosso "desvio" e com o zelo em defender o imperador romano, no Tribunal de Pilatos, os gritos da defesa de quem semelhantes advogados não deveria precisar. Dor, não por nós, pois nos contenta e recompensa a palavra de Jesus: "O discípulo não é mais do que o mestre e o criado não é mais do que o patrão. Basta o discípulo ser tratado como o seu mestre e ao criado como o patrão; se ao chefe da família chamarem Belzeub, quanto mais não farão aos da casa" (Mat. 10,24 e 25). Dor por eles e pelas futuras gerações.

Lembra-me de, há uns dez anos, ter recebido uma carta de um dos então responsáveis

máximos da União Nacional, que gentilmente me advertia do perigo que a igreja corria se continuássemos a opor objecções doutrinárias à Organização Cooperativa Portuguesa. E dizia esse amigo, pois continuamos a sê-lo, apesar das nossas fundamentais divergências, que com a nossa atitude estávamos a fazer o jogo

dos comunistas (e eles poderão melhor dizer quem é que o está fazendo) e acrescentava: "Mas quando as igrejas arderem e a carne dos padres rechinar, é que se verá quanta razão nos assiste na nossa doutrina e na nossa actuação". Permitti-me responder-lhe, devolvendo-lhe o argumento "Mas quando as igrejas arderem e a carne dos padres rechinar, é que se verá então como vocês todos podem limpar as mãos à parede pelo lindo futuro que estão

preparando." A mim parece-me, com efeito, que há razões de sobra para pôr em causa a bondade de uma árvore, cujos frutos derradeiros, na própria e insistente confissão dos que a plantaram e tão raivosamente a cultivam, serão o incêndio, o assassinio, a perseguição à Igreja e a catástrofe final de uma pátria gloriosa.

A história ensina-nos que os frutos da evangelização são outros e, se para sermos bons patriotas temos de anunciar um Evangelho que precisa de forças de armas para não redundar em catástrofe nacional, então teremos de responder com S. Paulo, que pregamos o Evangelho de Jesus que "se alguém vos anunciar um Evangelho diferente daquele que recebeste esse seja repellido" (Gal.1,6). É por isso que cada vez mais infelizmente o não são. Não vê, com efeito, Va. Exa. Reva. com a pregação quem sabe se sinceramente defensores da mesma igreja e das suas liberdades, tantos se ufanam de defender as costas aos padres e aos bispos; tantos que, a todos os cantos proclamam que, sem eles, regressaríamos à perseguição religiosa? Se estes não aguentam a pregação do Evangelho e nos acusam de insensatos e de imprudentes quando o fazemos, que conclusão tirar, senão de que desconhecem e, portanto, o não vivem? Bem sei que esta linguagem, como a de Va. Exa. Reva., escandaliza aqueles que nos vêm dar, conselheiralmente, lições de evangelização e de prudência, do alto das suas altíssimas cátedras. Esses todos, se fossem realmente cristãos, haveriam de saber que "A Deus aprouve salvar pela loucura da sua Mensagem (1 cor. 1,21) e que a prudência dos prudentes Deus a reprovará (Isa. 29,14).